



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

Onde o amor de Deus nos parece ainda mais terno

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Romarias e peregrinações não são apenas passeios e viagens. Espelham a realidade da vida humana neste mundo: nosso caminhar, entre dificuldades e alegrias, rumo à “Pátria definitiva” dos céus. Cristo mesmo se apresenta a nós como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6) e a Igreja se reconhece como um povo que percorre a história em marcha para Deus.

Entender-se peregrino, ao longo de toda a vida, é uma resposta a um chamado, um processo de conversão no qual o fiel percebe a transitoriedade das coisas do mundo e sua realização plena apenas no encontro definitivo com o Pai. Fazer-se peregrino, em uma viagem concreta, em um tempo e em um trajeto determinados, torna-se um gesto preciso de oferta de si, sinal de uma entrega que remete a este sentido maior da própria existência. O peregrino testemunha ao mundo, mas principalmente a si próprio, seu relacionamento com o Mistério, sua busca pela graça e/ou o seu ter sido alcançado pela graça.

Os santuários marianos – como o Santuário Nacional de Aparecida – nascem de um acontecimento especial, muitas vezes relacionado com aparições da Virgem ou milagres atribuídos à intervenção da Mãe de Deus. São percebidos pelos fiéis como lugares onde o divino se manifesta de maneira ainda mais terna por meio da intercessão de Maria. A peregrinação até estes santuários se reveste de um profundo valor afetivo. Remete à volta ao colo materno, lugar do afeto e do cuidado, da segurança de se saber amado gratuitamente.

Cada santuário mariano é rosto

As peregrinações aos santuários marianos constituem um dos fenômenos mais resilientes e complexos da história cristã, transcendendo a mera prática religiosa para se estabelecer como repositório de identidade cultural e processo de profunda conversão interior. Desde os primeiros séculos do Cristianismo, milhões de fiéis percorrem caminhos sagrados em direção aos santuários dedicados à Virgem Maria, em jornadas que representam muito mais do que simples deslocamentos geográficos: eram e continuam sendo experiências espirituais profundas que transformam corações, renovam a fé e aproximam os crentes do Mistério divino.

distinto da mesma Mãe, que se revela a seus filhos segundo suas necessidades e história. Neles acontece o encontro pessoal com a Mãe e seu Filho, em uma de suas múltiplas manifestações culturais. Assim, em Aparecida, a pequena imagem que poderia estar na casa de qualquer fiel, enegrecida seja pela permanência prolongada no fundo do rio, seja pela fumaça das velas na pequena capela onde foi colocada logo depois de ser encontrada por pescadores, traz uma inegável identificação com o povo simples que a visita incansavelmente.

O testemunho materializado. Um dos aspectos mais visíveis da devoção popular é a tradição do ex-voto – o dom ou oferenda feita em cumprimento de uma promessa após a obtenção de uma graça. A Sala de Ex-Votos do Santuário Nacional de Aparecida, também conhecida como “Sala das Promessas” ou “Sala dos Milagres”, localizada no subsolo do Santuário, exibe uma série de objetos que representam histórias de fé e agradecimento, tais como fotografias, cartas, pinturas

e esculturas, partes do corpo esculpidas, simbolizando curas, aparelhos ortopédicos, mechas de cabelo... Cada um deles é testemunho concreto da devoção, da fé e da gratidão pela intercessão da Padroeira. Atualmente, a Sala expõe cerca de 70 mil fotografias e recebe mensalmente aproximadamente 19 mil ex-votos, chegando a 30 mil no mês de outubro.

O ex-voto expressa publicamente, de modo simbólico, a gratidão do fiel diante do grande dom do amor do Pai, manifesto por intercessão da Virgem. Como a mentalidade popular por vezes interpreta o ex-voto como um esquema de troca, como um “pagamento” pela graça alcançada, uma das maiores funções educativas da Igreja no Santuário é mostrar que os dons de Deus são sempre livres e gratuitos, que a concessão de um pedido específico não é nada em comparação com o grande dom deste amor. A Igreja não busca suprimir a piedade popular, mas purificá-la, reinterpretando o ex-voto como sinal de gratidão, para que o foco seja o amor de Deus e o Mistério de Cristo.

A fé simples que permanece em nossos dias. Romaria, a famosa canção de Renato Teixeira, ilustra bem o significado arquetípico da peregrinação. Gerações de brasileiros que não conheceram o mundo rural – no qual os homens tinham que se “perder na vida” em busca não tanto de aventura, mas do sustento da família, deixando as mulheres sozinhas a cuidar dos filhos – e talvez nem saibam o que são gibeira e jiló, ainda cantam e se reconhecem, de alguma forma, nesta canção. Mais do que um dado confessional, provavelmente se identificam com a imensa ternura da história do caipira que não sabe rezar (ou, quem sabe, não consegue rezar, enfiado na própria dor) e apenas consegue mostrar seu olhar, em um pedido mudo de socorro.

Significativamente, os santuários marianos resistem às grandes ondas de secularização que têm açulado o mundo católico nos últimos séculos. Nem as críticas intelectuais do Iluminismo, nem as perseguições explícitas das ditaduras, tiraram seu brilho. Pelo contrário, quanto mais o contexto se torna hostil, mais a devoção a Nossa Senhora se apresenta como espaço de resiliência e de busca pela fé. Apesar dos questionamentos aos valores tradicionais e à piedade popular, a figura materna de Maria continua sendo uma referência afetiva e espiritual também em nosso tempo.

O Santuário de Aparecida recebe cerca de 10 milhões de peregrinos anualmente! Maria permanece como a “estrela da Esperança”, que reúne e congrega a família cristã dispersa pelo mundo (como, aliás, as mães costumam fazer com seus filhos).

Agradecemos a colaboração da Comunicação Institucional do Santuário Nacional de Aparecida para a elaboração deste Caderno.

* Editor dos Cadernos Fé e Cultura e Fé e Cidadania do O SÃO PAULO.

‘Portal da Virgem’: uma autêntica catequese visual

Padre Valdivino
Guimarães, C.Ss.R.*

O retábulo (estrutura colocada atrás e acima do altar nas igrejas, do latim *retro*, atrás, e *tabula*, mesa/tábua) onde está a Imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, intitulado “Portal da Virgem”, é o lugar mais visitado pelos peregrinos que vão à sua Basílica. O projeto arquitetônico do espaço, concebido e iniciado antes do Concílio Vaticano II, passou por alterações após este evento, para adequar-se às orientações litúrgicas. Antes, o projeto previa que a Imagem ocupasse lugar na região central do templo. Após as mudanças, o local para a Imagem foi projetado na parede extrema da Nave Sul, pois é Cristo que ocupa o centro. A Imagem em seu atual local, parece estar fora do espaço em si, não invade o espaço celebrativo. Para visita à Imagem, os peregrinos devem acessá-la por meio de rampas que estão no lado, embora ao participarem da celebração eucarística tenham a visão da Imagem.

A luz do Mistério. O “Portal da Virgem” possui uma iconografia, criada pelo artista sacro Cláudio Pasto, com respaldo na mariologia ensinada pela Igreja, acentuando a devoção à Virgem com o título de Aparecida, com ênfase trinitária, em que a Virgem é apresentada como filha agraciada por Deus, Mãe do Redentor e morada do Espírito Santo. O conjunto das artes desse espaço toma por base o capítulo VIII da *Lumen gentium*, mostrando que a Virgem Maria está associada ao ministério de Cristo e da Igreja, apresentando uma síntese sobre a doutrina da Igreja a respeito da Virgem Maria.

O espaço contém um grande “Totem de Ouro”, medindo 45 metros por 8 metros, que se estende do piso até o teto, dando a ideia de que terra e céu estão em comunicação. Por isso, sua concepção artística nos remete à “Escada de Jacó” (Gn 28,12), símbolo do cuidado de Deus para com a humanidade, pois, em sonho, Jacó teve a visão de anjos que subiam e desciam, fazendo comunicação entre o céu e a terra. Esses anjos, no conjunto artístico concebido pelo artista, estão representados pelos arcanjos, Gabriel, Miguel e Rafael, sobrevoando a Imagem da Virgem Aparecida, indicando que naquele lugar, para onde milhares de fiéis acorrem, se dá a manifestação de Deus, fazendo de Aparecida um lugar teofânico. Os

O projeto arquitetônico e artístico do Portal da Virgem, da Basílica de Aparecida, transcende a mera dimensão estética para se constituir em autêntica catequese visual. O imponente Totem de Ouro de 45 metros que remete à Escada de Jacó; os arcanjos Gabriel, Miguel e Rafael que sobrevoam a Imagem; a simbologia da pesca milagrosa; as 12 mulheres do Antigo Testamento como prefiguração de Maria; a rica iconografia das rampas ornamentadas com a Ladainha Lauretana, flores, pássaros da fauna brasileira, elementos do Cântico dos Cânticos: cada detalhe artístico – desde a cor dourada que simboliza a presença divina até a muiraquitã em estilo marajoara como símbolo de ressurreição – integra-se em uma narrativa teológica coerente, que apresenta Aparecida como lugar teofânico, onde céu e terra se comunicam, e como oásis espiritual que acolhe milhões de peregrinos anualmente.



Luciney Martins/O SÃO PAULO

anjos, em traços sutis, medindo 6 metros, indicam a presença do Invisível e estão sobrepostos em uma faixa branca em movimento, indicando o sopro do Espírito que confere vida a este lugar.

A concepção artística do espaço em referência é a de um “portal”, por onde se adentra no espaço, no Mistério do sagrado. Por isso, o totem em ouro, alusão à presença de Deus que se dá por meio da “Luz Plena”, “Aquele que reluz em si mesmo”, é esta Luz que envolve a Virgem Maria fazendo-a associada ao mistério da salvação, ou seja, o que acontece na vida de Maria não é mérito de si mesma, mas Daquele que a escolheu e a preparou para mãe do Redentor dos homens.

O nicho e seu entorno. O totem em cor dourada remete ao mais nobre dos metais, que na arte cristã simboliza imutabilidade, eternidade e perfeição, atributos de Deus; é o espaço ocupado pela Virgem, pois Deus se manifesta por meio dela ao povo bra-

sileiro que a invoca. A Imagem está no centro de um grande sol, remetendo ao Cristo Sol que está no painel oposto, o Cristo Pantocrator sobre a Porta da Misericórdia, recordando que a beleza, a graça que irradia da Virgem são provenientes da ação de Deus em vista de sua maternidade divina. Ela é a mulher vestida de sol do Apocalipse (Ap 12,1), vestida da luz e da vida que vem de Deus que tudo cria, nos fazendo recordar que em Gênesis, quando se dá a criação, Deus cria a luz, referência ao dia e a noite (Gn 1,3-5). As estrelas que vemos circundando a Imagem, são as mesmas que coroam a Virgem, alusivas às doze tribos de Israel (Gn 37,9). A esta mulher, o artista fez referência no painel intitulado “A evangelização do Brasil”, localizado na Nave Oeste, a quem o mal almeja atacar para destruir o filho que será posto à luz. Esse menino é Cristo, e essa mulher, a Igreja esposada por Cristo, e desta Igreja Virgem e Mãe, filhos são gerados pelo sacramento do Batismo para a comunidade Igreja que somos todos nós.

O nicho onde está a Imagem possui duas faces: uma para o lado externo, por onde passam os peregrinos, a outra para o lado interno, onde está a Capela dos Santos Apóstolos. Do lado externo, a arte faz alusão à pesca milagrosa pela qual “apareceu” a Imagem. Por isso, vemos peixes em alto relevo, confeccionados em bronze e com banho de ouro, doados pelos peregrinos. Esses peixes estão em águas em movimento, que são o sopro de vida proveniente do Espírito Santo que cria e dá vida. São estas águas referência às do rio Paraíba do Sul em que se deu o acontecimento do encontro da Imagem. Na moldura interna, no entorno da Imagem, vemos o texto das últimas frases do Apocalipse:

“O Espírito e a esposa, dizem: Amém vem Senhor Jesus” (Ap 22,20), conferindo ao espaço caráter esponsal entre o Cordeiro e a comunidade celebrante, pois “o lugar da celebração cristã corresponde às núpcias de Deus (criador e Redentor) com o seu povo (a criatura, a sua Igreja)”.

No plano horizontal da Imagem, nas cores branco e tons variados de azul, cores predominantes em toda a arte da Basílica, estão as doze principais mulheres do Antigo Testamento (Eva, Sara, Rebeca, Lia, Raquel, Miriam, Débora, Rute, Ana, Abigail, Judite e Ester), todas prefiguração da Virgem Maria que ocupa o centro do painel, pois como afirmou o Concílio Vaticano II, é ela a nova Eva que gera Cristo, o

Novo Adão, que por meio da Cruz, Árvore da Vida, redime a todos. Por isso, é invocada como Mãe de Deus, mãe espiritual da Nova Humanidade, que por sua maternidade alcança não somente Jesus Cristo, mas a todos os mortais que fazem parte da Igreja corpo de Cristo, como assegurou o São João Paulo II ao dizer que em Cristo Redentor, a Virgem Maria assume uma nova maternidade, a de mãe de todos que são redimidos, “de todos os membros do Corpo Místico do Filho”. O tema, Maria, Nova Eva, é dos mais antigos: o encontramos em São Justino, que viveu por volta dos anos 100, próximo da era apostólica. É nele, em Santo Irineu e em outros padres da Igreja que encontramos o paralelismo entre a Virgem Maria e a virgem Eva, que se sabe, com o passar dos anos contribuíram para o desenvolvimento do tema.

Emolduram essas mulheres figuras como a flor da tamareira, alusão ao oásis, lugar da vida e de vigor espiritual; do maracujá, recordando as

Fotos: Thiago Leon/Santuário Nacional de Aparecida



O majestoso Portal da Virgem, visto a partir da nave oposta a ele, na qual fica a Porta da Misericórdia. Ao centro o altar, sob a cúpula central da Basílica. No detalhe, o arcanjos, que ligam o céu à terra, e o nicho com a pequena imagem de Nossa Senhora, razão de ser de todo esse espaço grandioso.



terras brasileiras; uvas, enfatizando o mistério; e a muiiraquitã, espécie de rã da fauna brasileira, que na arte de Pasto revela um significado positivo, diverso do que adquire na arte cristã, que sempre a figurou com sentido pejorativo por ser uma das sete pragas do Egito mencionadas do Antigo Testamento (Ex 8,1-15). Na arte da Basílica, esse animal nos revela uma característica cultural, pois é uma espécie de rã apresentada em estilo marajoara, estilo indígena, em geral dos incas, encontrada mais no Norte do Brasil, e conhecida como um símbolo de ressurreição por ser um anfíbio, que ao faltar água, adentra no barro que ressequido pelo sol, desidrata totalmente, transformando-se como que em uma folha seca, e com o retorno das chuvas, hidrata-

-se, voltando ao que era antes, retornando à superfície.

As rampas, o jardim e o oásis. Para passar por este “portal”, deve-se percorrer uma rampa ladeada por painéis com a Ladainha Lauretana, oração popular e cristológica, na qual contemplamos um mistério que convida a meditar a partir das invocações sobre a Virgem. As 28 invocações, em letras em ouro sobre azulejo branco, estão sobre flores (flor-de-lis do campo), símbolo de pureza, virgindade e beleza espiritual, e pássaros da fauna brasileira (andorinha, canarinho da terra, beija-flor, sabiá, maritaca e tucano) que habitam esse jardim, conferindo ao espaço características do Cântico dos Cânticos (cf. Ct 4,12), com o qual a Virgem faz

paralelismo, sendo ela o novo jardim plantado, preparado e cultivado (sem a mancha do pecado), do qual nasce frutos da árvore da vida (Jesus Cristo). Ainda do Cântico dos Cânticos, o artista se inspirou nas expressões “pequeno Jardim fechado” (Ct 4,12) e “fonte selada” (Ct 4,12), para retratar a Virgem Maria como jardim fechado, recordando a passagem evangélica da Anunciação, na qual o anjo diz que ela conceberia e daria à luz um filho, permanecendo virgem, verdades preanunciadas no Cântico dos Cânticos, no qual confere uma narração a respeito de um jardim em que está a fonte das águas que formam os quatro rios que banham os quatro cantos da terra. Esse jardim é a Basílica, lugar em que todos são acolhidos e banhados com essas águas que geram vida

nova. A Virgem Maria nesse lugar, é o portal do jardim, pelo qual peregrinos são acolhidos e direcionados ao centro, o altar para a eucaristia. Não por acaso a Imagem está no extremo da nave Sul, ou seja, acolhendo e direcionando a Cristo.

Outros símbolos cristãos no conjunto artístico do espaço em que está a Imagem, além de aludir à ação de Deus neste lugar, fazem referência a um “oásis”, lugar de vida, repouso, paz, tranquilidade, no qual os peregrinos se abastecem espiritualmente para retornarem ao convívio em suas comunidades de origem, e enfrentar os desertos da vida, passagem para a eternidade.

* Doutorando em Teologia Dogmática, com especialização em Mariologia pela Pontifícia Faculdade Teológica Marianum de Roma

Caminhando ao encontro da Mãe de Deus e nossa

Redação

A Basílica de Nossa Senhora Aparecida, no Santuário Nacional de Aparecida (SP), é o maior centro de devoção mariana da América Latina e atrai milhões de visitantes a cada ano, especialmente em outubro, durante a Festa da Padroeira do Brasil.

A romaria é uma manifestação religiosa comunitária, realizada geralmente em grupos ou comércios, com o objetivo de cumprir promessas ou buscar graças coletivas. Ela envolve celebrações coletivas, orações em grupo, cânticos e uma experiência de comunhão entre os fiéis, geralmente em direção a um santuário ou local sagrado. O termo romaria tem origem na prática dos que viajaram para Roma para visitar túmulos sagrados, tendo um caráter coletivo e festivo. Movimentos e paróquias frequentemente alugam ônibus que levam os romeiros diretamente de suas cidades aos amplos estacionamentos da Basílica de Aparecida. As romarias nos dão o sentido profundo do caminhar cristão: somos um povo, avançamos como povo, não poderíamos chegar até aqui sem aqueles que nos precederam, e tanto nossos irmãos de hoje quanto aqueles que virão no futuro precisam de nosso testemunho e de nossa ajuda!

Já a peregrinação é uma jornada espiritual que pode ser feita individualmente, com um foco mais pessoal e introspectivo, buscando transformação e renovação da fé. A peregrinação não exige cortejo ou grandes grupos, podendo ser uma experiência mais silenciosa e contemplativa. Ela também é uma viagem para locais sagrados, mas com um vínculo mais forte com a busca interna e espiritual do indivíduo.

No Santuário Nacional, estas



Cecilia Barreto

Você já fez uma romaria ou peregrinação até a Basílica de Aparecida? É uma experiência inesquecível para quem vive a fé católica. Um percurso geográfico que nos ajuda a mergulhar na beleza de nossa caminhada espiritual.

peregrinações podem ser feitas de muitas formas. Muitos o visitam de carro. Também é comum viajar até uma cidade ou ponto de peregrinação vizinho a Aparecida, e realizar a pé apenas os últimos quilômetros do percurso. Existem, contudo, algumas grandes rotas de peregrinação,

inspiradas em caminhos como o de Santiago de Compostela, com sinalizações, credenciais para carimbo e certificados de conclusão ao final. Elas podem ser feitas a pé, de bicicleta ou a cavalo, com duração que varia de dias a semanas, dependendo do ramal escolhido.

É importante que o fiel obtenha, antes de iniciar a jornada, uma credencial de peregrino. Ela serve como um “passaporte do peregrino” que comprova a identidade e a condição de quem está em jornada, facilitando o acesso a alguns recursos do caminho. Além disso, ao ser carimbada nos pontos de apoio ao longo do trajeto, torna-se o registro oficial dos quilômetros percorridos, condição obrigatória para que o romeiro tenha direito a receber o Certificado de Conclusão da Peregrinação (Certificado Mariano) no Santuário.

Quando for fazer uma romaria ou peregrinação até a Basílica de Aparecida, procure conhecer antes a rica iconografia que ilustra as suas paredes. Não são apenas obras decorativas, foram criadas sob a inspiração da *Bíblia Pauperum*, a “Bíblia dos Pobres”, como eram chamadas as imagens bíblicas utilizadas para instruir a população analfabeta na Idade Média. Trata-se de um conjunto visual destinado a ajudar o fiel a adentrar no Mistério, entregar-se mais e melhor a seu encontro com Cristo e com a devoção a Nossa Senhora.

Serviço

O Santuário Nacional de Aparecida mantém em seu portal uma página com instruções que ajudam na organização de romarias para a Basílica: <https://www.a12.com/santu-ario/noticias/saiba-como-organizar-sua-romaria-para-vir-ao-santu-ario-nacional>.

No caso das peregrinações, para roteiros detalhados, mapas, guias de *download*, agendas de grupos e dicas de hospedagem, existem vários *sites* oficiais e confiáveis. O Santuário também mantém em seu portal uma página com todas as “Rotas da Devoção”. Veja em <https://www.a12.com/santu-ario/caminhos-de-peregrinacao-a-casa-da-mae-aparecida#caminhodapadroeira>.

Principais rotas de peregrinação com trajetos oficiais e estruturados (em ordem decrescente de distância)

Rota	Distância Aproximada	Pontos de Partida Principais	Destaques
Caminho do CRER (Caminho da Renovação Espiritual e Reconciliação)	1.032 km	Caeté (MG), Santuário de Nossa Senhora da Piedade	Longa rota por 38 cidades em MG e SP, com foco em espiritualidade; exige credencial e mínimo de 57 carimbos para certificado.
Caminho da Fé	318-541 km	Águas da Prata (SP), Paraisópolis (MG), Estiva (MG), Campos do Jordão (SP) e outros 17 ramais em SP e MG	A mais famosa e estruturada do Brasil, cruzando a Serra da Mantiqueira (até 1.820m de altitude). Inclui 71 cidades, pousadas a cada 20-25 km e sinalização com setas amarelas. Ideal para 10-15 dias a pé; recebe mais de 20 mil peregrinos/ano.
Caminhos de Nossa Senhora	495 km	Rio de Janeiro (RJ), passando por Petrópolis, Vassouras, Resende e Guaratinguetá (SP)	Cruza a Mata Atlântica e a Serra da Mantiqueira por 20 cidades; ramal ciclístico anual desde 2001, com opções para ciclistas e pedestres.
Caminho de Aparecida	265-282 km	Alfenas (MG), com ramais em Três Pontas, Varginha, Machado, Brazópolis e Itajubá	Unifica caminhos do Sul de MG, margeando rios e represas (símbolo do peixe cristão). Passa por 17 cidades, com trilhas e estradas de terra; guias com mapas e contatos disponíveis para <i>download</i> .
Rota da Luz	201 km	Mogi das Cruzes (SP), passando por Guararema, Santa Branca, Paraibuna, Redenção da Serra, Taubaté e Pindamonhangaba	Opção acolhedora e segura, alternativa à Via Dutra (BR-116), por estradas secundárias e rurais. Estruturada pela Secretaria de Turismo de SP, com 9 municípios; etapas de 20-32 km/dia, ideal para 6-7 dias.
Outras rotas mais curtas	Variada	Interior de SP (ex.: Tremembé ou Piracaia)	Percursos menores no Vale do Paraíba, com paisagens de montanhas; 9 cidades, misto de estradas e trilhas para 5-7 dias.

Essas rotas priorizam segurança, com pontos de apoio para hospedagem, alimentação e carimbos. É recomendado preparar-se fisicamente, obter uma credencial no início e planejar com antecedência, especialmente para grupos. Peregrinações solitárias são desencorajadas por questões de segurança.